



**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL**  
**UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE**  
**PRÓ-REITORIA DE EXTENSÃO**

---

ANAIS de Evento I Jornada Científica e Tecnológica de Língua Brasileira de Sinais: Produzindo conhecimento e integrando saberes. ISBN 978-85-923216-1-1

- 06 de julho 2017 -

**A INVISIBILIDADE DA MULHER SURDA –  
A INFORMAÇÃO ENQUANTO PRIVILÉGIO**

Amanda Soares Figueira Silva  
Clara Maria Ribeiro Consort Fortunato  
Larissa Vitória Silva Costa  
Maria Carolina Castro de Menezes Ribeiro  
Mariana Melo Cavalcante  
Orientadora: Gildete Amorim  
Universidade Federal Fluminense – UFF

**RESUMO:** Uma das contribuições conceituais do sociólogo Bourdieu consiste na compreensão do espaço social enquanto um campo de forças, marcado por estruturas de diferenças baseadas nas formas de distribuição de poder. Dentro dessa lógica cada agente social possui um posicionamento nesse campo de forças de acordo com seu potencial de controle sobre as ações e reações de outro agente, podendo ser esse controle exercido a partir de uma relação assimétrica de poder político, econômico, cultural e/ou simbólico. As relações com o espaço dos diferentes agentes sociais revelam distintas formas de significação, representação e produção de sentidos. A maneira pela qual os espaços são construídos, controlados e usados transparece diferentes posicionamentos de força entre esses agentes sociais. Buscamos compreender a luta pelo reconhecimento e a autoafirmação da cultura surda a partir da ideia inicial de que o exercício de significação do mundo, ou seja, a construção de sentidos, valores e linguagens, revela uma disputa espacial e simbólica. O presente artigo tem como objetivo lançar um olhar ao universo das mulheres surdas considerando sua multidiversidade na luta por uma sociedade que reconheça e garanta o direito à



**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL**  
**UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE**  
**PRÓ-REITORIA DE EXTENSÃO**

---

ANAIS de Evento I Jornada Científica e Tecnológica de Língua Brasileira de Sinais: Produzindo conhecimento e integrando saberes. ISBN 978-85-923216-1-1

- 06 de julho 2017 -

diferença. Focamos a pesquisa na questão da violência de gênero sofrida pelas mulheres surdas com a intenção de revelar a falta de políticas públicas integrativas que garantam o acesso à informação dos direitos reservados às mulheres e a um atendimento eficiente. A metodologia escolhida por nós consiste na elaboração de uma pesquisa através de entrevistas e investigações acerca da acessibilidade à informação pública disponível para as mulheres surdas que sofrem com violência de gênero. Buscamos realizar como procedimento investigativo uma conversa com essas mulheres com intermédio de uma intérprete a fim de melhor compreender o universo surdo, suas demandas e suas ações a partir das experiências e dos relatos delas. A pesquisa é relevante frente à dificuldade de reconhecimento da sociedade brasileira diante diferentes formas de significação do mundo. O universo ouvinte é privilegiado e privilegia a partir de um referencial considerado “normal”. Paralelo a isso, a pertinência deste artigo consiste na tentativa de reconhecimento de que só a identificação da surdez enquanto diferença não basta, é preciso considerar a existência de diferentes maneiras de significação e construção simbólicas, de forma a promover políticas afirmativas que capacitem às mulheres surdas a exercerem seu papel social e sua efetiva inclusão na sociedade.

**Palavras-chaves:** cultura surda; violência de gênero; disputas espaciais; disputas simbólicas; acessibilidade.

**Summary:**

One of the conceptual contributions of the sociologist Bourdieu consists in the understanding of social space as a field of forces, marked by structures of differences based on the forms of distribution of power. Within this logic, each social agent has a



**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL**  
**UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE**  
**PRÓ-REITORIA DE EXTENSÃO**

ANAIS de Evento I Jornada Científica e Tecnológica de Língua Brasileira de Sinais: Produzindo conhecimento e integrando saberes. ISBN 978-85-923216-1-1

- 06 de julho 2017 -

position in this field of forces according to its potential to control the actions and reactions of another agent, and this control can be exercised from an asymmetrical relationship of political, economic, cultural and / or political power. symbolic. The relations with the space of the different social agents reveal different forms of signification, representation and production of meanings. The way in which spaces are constructed, controlled and used reveals different positions of force between these social agents. We seek to understand the struggle for the recognition and self-assertion of deaf culture from the initial idea that the exercise of meaning of the world, that is, the construction of meanings, values and languages, reveals a spatial and symbolic dispute.

This article aims to take a look at the universe of deaf women considering its multidiversity in the struggle for a society that recognizes and guarantees the right to difference. We focused the research on the issue of gender violence suffered by deaf women with the intention of revealing the lack of integrative public policies that guarantee access to information on women's rights and efficient care. This article aims to take a look at the universe of deaf women considering its multidiversity in the struggle for a society that recognizes and guarantees the right to difference. We focused the research on the issue of gender violence suffered by deaf women with the intention of revealing the lack of integrative public policies that guarantee access to information on women's rights and efficient care. The methodology chosen by us consists in the elaboration of a research through interviews and investigations about the accessibility to the public information available for the deaf women who suffer with violence of gender. We seek to conduct a conversation with these women as an investigative procedure in order to better understand the deaf universe, its demands and its actions based on their experiences and their reports. The research is relevant to the difficulty of recognizing Brazilian society in the face of different forms of meaning in the world. The listener



**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL**  
**UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE**  
**PRÓ-REITORIA DE EXTENSÃO**

---

ANAIS de Evento I Jornada Científica e Tecnológica de Língua Brasileira de Sinais: Produzindo conhecimento e integrando saberes. ISBN 978-85-923216-1-1

- 06 de julho 2017 -

universe is privileged and privileges from a referential considered "normal". Parallel to this, the pertinence of this article is the attempt to recognize that only the identification of deafness as a difference is not enough, we must consider the existence of different ways of meaning and symbolic construction, in order to promote affirmative policies that empower deaf women To exercise their social role and their effective inclusion in society.

## **INTRODUÇÃO**

Como ponto de partida vale ressaltar que a luta pelo reconhecimento e auto afirmação da cultura surda não é uma luta homogênea, o universo surdo é permeado por múltiplas identidades e variados graus de surdez e por isso se encontra em constante construção enquanto categoria política e cultural.

Ao longo deste artigo abordaremos a vulnerabilidade social da mulher surda frente a falta de medidas integrativas eficientes que promovam a inclusão social e reconheçam a surdez enquanto cultura e não somente enquanto uma deficiência auditiva.

A afirmação da identidade surda enquanto diferença e não deficiência revela a necessidade de luta frente a falta de preparo da sociedade diante do diferente. Essa falta de preparo é perceptível espacialmente, o que revela que a luta por reconhecimento da cultura surda envolve uma disputa pelos espaços.

Existe uma precariedade de iniciativas de espaços públicos e privados em relação à medidas inclusivas que busquem tornar possível o acesso de pessoas com outros referenciais de linguagem.



**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL**  
**UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE**  
**PRÓ-REITORIA DE EXTENSÃO**

---

ANAIS de Evento I Jornada Científica e Tecnológica de Língua Brasileira de Sinais: Produzindo conhecimento e integrando saberes. ISBN 978-85-923216-1-1

- 06 de julho 2017 -

A falta de políticas públicas básicas que garantam o acesso a uma educação pública de qualidade, assim como uma saúde eficiente em todas as fases da vida do indivíduo surdo, demonstra a carência do sistema público frente à essas questões.

O foco deste trabalho é investigar as políticas públicas de assistência às mulheres surdas vítimas de violência de gênero a partir de uma visão que considera o espaço social um meio disputado simbólica e espacialmente, colocando em choque as distintas formas de significação existentes na sociedade.

A partir da contextualização teórica abordaremos uma breve explicação da trajetória de luta da cultura surda seguida dos direitos reservados às mulheres e sua aplicabilidade no caso da mulher surda, de forma a evidenciar a luta espacial e simbólica que a cultura surda enfrenta para garantir seu reconhecimento e aplicabilidade de medidas públicas eficientes.

A seguir, abordaremos nossa metodologia de pesquisa usada na investigação da acessibilidade da mulher surda em um ambiente social no qual a informação é um fator de privilégio. Na parte seguinte analisaremos as propostas de investigação e seus resultados com o intuito de avaliar a importância desse debate e o que ele significa para a cultura surda. Por fim, concluiremos o artigo a partir de um levantamento geral da pesquisa realizada, suas contribuições e seus questionamentos.

## **CONTRIBUIÇÕES TEÓRICAS**

A questão da acessibilidade da mulher surda ao conhecimento acerca dos direitos das mulheres e a um atendimento eficiente no caso de vítimas de violência de gênero foi pensada neste trabalho a partir das contribuições sociológicas de Bourdieu (1996).



**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL**  
**UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE**  
**PRÓ-REITORIA DE EXTENSÃO**

---

ANAIS de Evento I Jornada Científica e Tecnológica de Língua Brasileira de Sinais: Produzindo conhecimento e integrando saberes. ISBN 978-85-923216-1-1

- 06 de julho 2017 -

Segundo o autor o espaço social é um campo de forças, marcado pela distribuição desigual de poder:

“[...] todas as sociedades se apresentam como espaços sociais, isto é, estruturas de diferenças que não podemos compreender verdadeiramente a não ser construindo o princípio gerador que funda essas diferenças na objetividade. Princípio que é o da estrutura da distribuição das formas de poder ou dos tipos de capital eficientes no universo social considerado - e que variam, portanto, de acordo com os lugares e os momentos. “ (BOURDIEU 1996, pg. 50 )

Dentro dessa lógica cada agente social possui um posicionamento nesse campo de forças de acordo com seu potencial de controle sobre as ações e reações de outro agente, podendo ser esse controle exercido a partir de uma relação assimétrica de poder/capital político, econômico, cultural e/ou simbólico.

As relações com o espaço dos diferentes agentes sociais revelam distintas formas de significação, representação e produção de sentidos. A maneira pela qual os espaços são construídos, controlados e usados transparece diferentes posicionamentos de força entre esses agentes sociais.

Segundo o conceito de campo o espaço social é marcado por um campo de forças, em que será possível analisar, de forma comparativa, como se dá o acesso de mulheres surdas e mulheres ouvintes ao mesmo espaço, no caso os direitos enquanto mulheres, que deveria permitir o acesso de ambas, tanto em questão de ações (receber o atendimento que inclua suas necessidades enquanto surda) quanto de conhecimentos (entender quais são os direitos que possui enquanto mulher).

Assim, para iniciar a análise, é necessário entender antes os agentes do campo de força, os grupos sociais, formado por pessoas que compartilham uma mesma característica que pode



**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL**  
**UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE**  
**PRÓ-REITORIA DE EXTENSÃO**

---

ANAIS de Evento I Jornada Científica e Tecnológica de Língua Brasileira de Sinais: Produzindo conhecimento e integrando saberes. ISBN 978-85-923216-1-1

- 06 de julho 2017 -

movê-lo enquanto agentes que possuem necessidades em comum, que possa fazer com que se reconheçam enquanto grupo, para assim pensar em ações e tomar partido em lutas como uma unidade. Dessa forma, “o agente contribui para a conservação ou a transformação de sua estrutura [o campo de forças]. (BOURDIEU,1996. p. 50).

Ou seja, os agentes em desvantagem nesse caso, são as mulheres surdas, que possuem as mesmas necessidades enquanto grupo, e é necessário esse reconhecimento enquanto unidade para que ocorram ações voltadas para a necessidade do mesmo através de diversos campos (sociais, econômico, cultural/escolar e político) para conseguir modificações estruturais, ou seja, através de intervenções no campo de força.

Uma instituição importante quando se trata de ações nos campos citados acima é o Estado, pois, segundo Bordieu<sup>1</sup>:

O Estado tem a capacidade de regular o funcionamento dos diferentes campos [sociais, econômico, cultural/escolar e político], seja por meio de intervenções financeiras (como, no campo econômico, os auxílios públicos a investimentos ou, no campo cultural, os apoios a tal ou qual forma de ensino) seja através de intervenções jurídicas (como diversas regulamentações do funcionamento de organizações ou do comportamento dos agentes individuais).BOURDIEU,1996,p. 51

Isto é, o Estado tem a responsabilidade de agir quanto às necessidades de grupos sociais, já que possui capacidade de atuar em campos que permitem políticas devidas às necessidades desses grupos, que no caso, seria as demandas da parcela referente às mulheres surdas. Assim, o Estado deve pensar e garantir o total acesso aos sistemas públicos, como delegacias da mulher, capaz de atender todas, moldando o mesmo para a necessidade de cada uma.

Um dos aspectos mais interessantes da obra de Bourdieu é a fecunda crítica que este autor faz aos meios científicos e à instituição universitária. Ao procurar debater os



**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL**  
**UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE**  
**PRÓ-REITORIA DE EXTENSÃO**

---

ANAIS de Evento I Jornada Científica e Tecnológica de Língua Brasileira de Sinais: Produzindo conhecimento e integrando saberes. ISBN 978-85-923216-1-1

- 06 de julho 2017 -

interesses e valores que envolvem a produção científica, Bourdieu desvela as relações de poder e de dominação existentes também no campo da ciência, descaracterizando a possibilidade de uma ciência neutra, interessada apenas no seu progresso. Há dentro dela uma disputa constante pela conquista da legitimidade de se falar e agir. "Universo da mais pura ciência é um campo como qualquer outro, com suas relações de força e monopólios, suas lutas, estratégias, interesses e lucros." (Bourdieu, 1983, p. 123).

Para o autor é impossível separar os valores e as representações que temos dos ideais científicos. A prática científica está orientada para a aquisição de um determinado tipo de capital em torno do qual se desenvolvem as disputas e se consolidam as hierarquias entre os cientistas e as diferentes instituições: prestígio e reconhecimento. E estes agentes do campo científico lutam pelo reconhecimento de seus produtos e de sua autoridade de produtor legítimo, o que significa o poder de impor uma definição de ciência. Nesta perspectiva, não há escolhas desinteressadas de temas ou mesmo de métodos. Todas as opções que são feitas significam, antes de tudo, estratégias, investimentos orientados para a obtenção e acúmulo de capital e de lucro simbólicos.

O campo pode ser considerado tanto um 'campo de forças', pois constrange os agentes nele inseridos, quanto um 'campo de lutas', no qual os agentes atuam conforme suas posições, mantendo ou modificando sua estrutura (BOURDIEU, 1996). O campo científico é, desta maneira, um espaço em que pesquisadores disputam o monopólio da competência científica, cujo funcionamento pode ser comparado a um jogo, onde os princípios do funcionamento são dominados por seus participantes.

Pensando agora na comparação do acesso de mulheres surdas e ouvintes e através do que é compreendido como campo de poder, que possui sua definição como:

[O campo de poder] Não é um campo como os outros: ele é o espaço de relações de força entre os diferentes tipos de capital ou, mais precisamente, entre os agentes suficientemente



**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL**  
**UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE**  
**PRÓ-REITORIA DE EXTENSÃO**

---

ANAIS de Evento I Jornada Científica e Tecnológica de Língua Brasileira de Sinais: Produzindo conhecimento e integrando saberes. ISBN 978-85-923216-1-1

- 06 de julho 2017 -

providos de um dos diferentes tipos de capital para poderem dominar o campo correspondente. (BORDIEU, 1996, p. 52)

Podemos compreender como se dá o acesso de mulheres ouvintes e mulheres surdas a um mesmo espaço, que dominado pelo grupo mais privilegiado, ou grupo dominante, nesse caso as mulheres ouvintes, é pensado segundo suas necessidades. Ou seja, a mulher ouvinte possui uma acessibilidade maior ao espaço [delegacia] já que o mesmo foi pensado teoricamente adequando-se às suas necessidades, mas na prática não é tão preparado para o acesso de mulheres surdas.

### **CONTEXTUALIZAÇÃO METODOLÓGICA**

Com esse artigo, foi proposto o exercício de compreender e pesquisar as necessidades das mulheres surdas, enquanto mulheres e surdas, separadamente e de forma indissociável. O que isso quer dizer, os confrontos enfrentados por serem mulheres e pertencerem a um grupo com linguagem, necessidades e cultura diferente, marcada pela expressão da linguagem de sinais demanda outros canais de acessibilidade, sendo então um grupo com costumes diferentes e não pessoas que devem ser corrigidas.

O ponto de partida foi o de conhecer e entender a perspectiva do feminismo para mulheres surdas e qual seu alcance. Compreender se existe o contato das mulheres com esse movimento, que busca uma visão sobre as leis e direitos a elas assegurados e que devem ser debatidos, conhecidos e estimulados.

A partir deste entendimento foi buscado meios de informações para obter dados de lugares voltados às questões da mulher surda e como são atendidas. Para isso pesquisamos as delegacias que atendem especificamente as questões da mulher, para



**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL**  
**UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE**  
**PRÓ-REITORIA DE EXTENSÃO**

---

ANAIS de Evento I Jornada Científica e Tecnológica de Língua Brasileira de Sinais: Produzindo conhecimento e integrando saberes. ISBN 978-85-923216-1-1

- 06 de julho 2017 -

saber quais seus recursos para atender a mulher surda de forma inclusiva, onde ela não se sinta inferiorizada no processo de informação enquanto cidadã.

O Estado do Rio de Janeiro conta com 11 delegacias de atendimento a mulher, que abrange a região Metropolitana, Norte, Sul e Serrana. Buscou-se estabelecer comunicação com cada uma das delegacias, para compreender como é realizado o suporte às mulheres, e se existem assistência e apoio necessário para as questões próprias desse grupo.

O segundo método adotado para coleta de dados foi a de comunicação em forma de entrevistas, através de uma intérprete, com mulheres surdas. Para buscar a compreensão da realidade vivida e os processos de exclusão decorrente da sua diferença na comunicação e diferença de gênero.

## **APRESENTAÇÃO, ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS**

Em 2014, foi inaugurada em São Paulo a primeira Delegacia de Polícia da Pessoa com Deficiência, que conta com atendimento específico para cada caso. Segundo dados da própria polícia em três meses foram registrados mais casos do que nos últimos três anos. Quando iniciamos este artigo procuramos sobre a existência no Estado do Rio de Janeiro de um serviço parecido e se existia algo voltado à defesa da mulher. No entanto os resultados não foram muito otimistas.

Foram realizadas diversas tentativas para atendimento específico na Delegacia da Mulher, e só no segundo dia de ligações que conseguimos falar com quatro das onze delegacias. E nenhuma delas apresentou clareza sobre prestar atendimento direcionado às mulheres surdas.

De acordo com a Delegacia de Duque de Caxias, existe uma equipe de psicólogas que dão suporte e apoio à mulher durante o processo de denúncia feito na



**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL**  
**UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE**  
**PRÓ-REITORIA DE EXTENSÃO**

---

ANAIS de Evento I Jornada Científica e Tecnológica de Língua Brasileira de Sinais: Produzindo conhecimento e integrando saberes. ISBN 978-85-923216-1-1

- 06 de julho 2017 -

unidade. Além de informar a existência do aplicativo Emergência RJ, que serve para denúncia de crimes e emergências. De acordo com eles, seria esse o meio mais adequado para contato imediato com a polícia. Mas para isso a mulher surda necessita de domínio da língua portuguesa.

Já o contato com a delegacia de Resende o contato foi mais difícil, a pessoa que me atendeu não soube informar horário adequado sobre o atendimento nem me informou sobre materiais de apoio direcionados às necessidades da mulher surda. Mas ressaltou que presta socorro a qualquer cidadão que chegar na delegacia ou entrar em contato com a unidade.

Diferente da Delegacia de São Gonçalo que informou que horário mais adequado para o atendimento das necessidades de mulheres com necessidades especiais é realizado na parte da manhã, apesar de contar com atendimento o dia todo, também informou sobre o aplicativo Emergência RJ, citado anteriormente pela delegacia de Duque de Caxias.

As melhores informações foram conseguidas na Delegacia de Jacarepaguá, que informou que possui um quadro de funcionários qualificados em interpretar a língua de sinais.

A análise adquirida com a busca de informações com as delegacias nos apresentou um cenário negativo, gerada pela falta de informação sobre um atendimento específico e de qualidade. Porém o pior cenário observado é o da falta de informação, a dificuldade de não conseguir se quer ser atendido no telefone e e-mail, mostram que a delegacia da mulher não está apta a prestar o mínimo apoio às mulheres ouvintes e não ouvintes.



**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL**  
**UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE**  
**PRÓ-REITORIA DE EXTENSÃO**

ANAIS de Evento I Jornada Científica e Tecnológica de Língua Brasileira de Sinais: Produzindo conhecimento e integrando saberes. ISBN 978-85-923216-1-1

- 06 de julho 2017 -

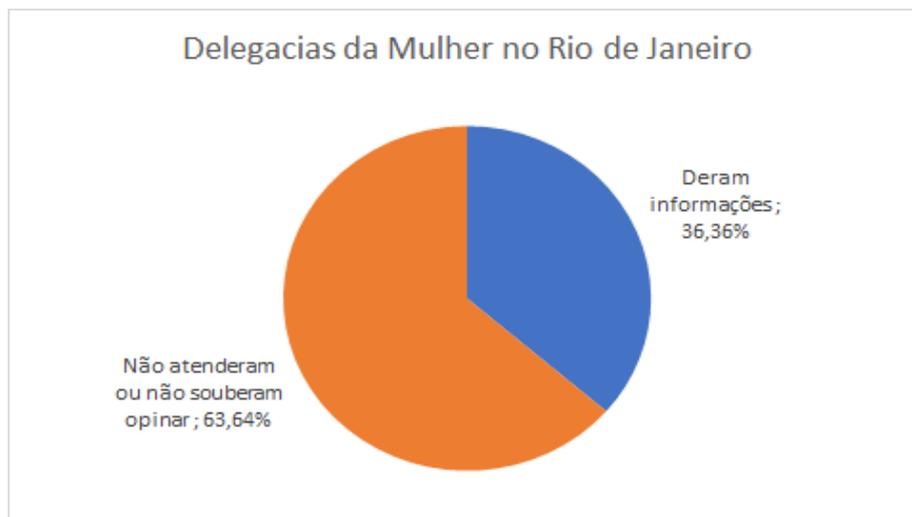


Gráfico 1 - Feito através dos cálculos de porcentagem do número total das delegacias que existem em relação aos atendimentos.

O outro método adotado para coleta de dados foi realizado através de entrevistas e algumas informações levantadas serão citadas abaixo:

Adriana tem 32 anos é branca e professora. Mora atualmente em São Cristovão, Rio de Janeiro. Aos 2 anos a família notou que ela era surda e desde então obteve apoio dos pais. Aos 5 anos começou a ser oralizada e contou somente aos 12 anos aprendeu libras.

Lívia tem 27 anos é branca, professora de libras e mora em São Gonçalo, Região Metropolitana do Rio de Janeiro. Aos 18 anos, ficou surda devido uma doença genética. Hoje se comunica por leitura labial e começou a aprender libras recentemente.

Andressa tem 22 anos é parda e atualmente trabalha em uma farmácia perto de onde mora em Niterói. Comunica-se através de libras e, além disso, contou que nasceu surda devido uma doença que a mãe teve durante a gravidez. Andressa também disse



**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL**  
**UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE**  
**PRÓ-REITORIA DE EXTENSÃO**

---

ANAIS de Evento I Jornada Científica e Tecnológica de Língua Brasileira de Sinais: Produzindo conhecimento e integrando saberes. ISBN 978-85-923216-1-1

- 06 de julho 2017 -

que o acesso a informação é muito difícil na região onde que mora e que a busca por expandir os conhecimentos sobre a temática nunca foi prioridade para sua família. Apesar disso alegou que foi na escola que aprendeu a maioria do que sabe à respeito de leis no geral e pouca coisa sobre a especificidade de sua condição.

A intenção e proposta do trabalho é a de compreender a universo das mulheres surdas e suas questões e para a construção dessa percepção foi adotado o método de coleta de dados. Ao final do nosso período de pesquisa conseguimos obter informações de riquíssima pertinência para nosso trabalho, como o preconceito no ambiente de trabalho e sociedade como um todo, de modo que as políticas públicas contribuem para isso, devido à falta de programas de inclusão que funcionem de fato; a diferença de preparação de escolas para se ter uma educação de qualidade e adaptada para esse ensino e em escolas com a libras incluída em sua grade o tratamento é adequado e todos são tratados de formas igual; dificuldades para entrar no mercado de trabalho, mesmo tendo cota para deficientes, devido a falta de informação de leis trabalhistas tanto nos locais de ensino como em pontos da Previdência Social; descoberta da surdez tardia, torna sua aceitação mais difícil e sua adaptação a esse novo mundo mais lenta; conhecimento do que é o feminismo e sua importância perante a sociedade.

Sobre isso, após as entrevistas notou-se que há discordância sobre o movimento feminista e sua abrangência às mulheres com deficiência auditiva, pois consideram-o unicamente radical e não o veem como uma luta com diferentes vertentes e graus de atuação. Algumas nunca souberam da existência do feminismo surdo e de que existem encontros e eventos que promovem essa interação da mulher surda como algo que valorize o empoderamento.



**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL**  
**UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE**  
**PRÓ-REITORIA DE EXTENSÃO**

---

ANAIS de Evento I Jornada Científica e Tecnológica de Língua Brasileira de Sinais: Produzindo conhecimento e integrando saberes. ISBN 978-85-923216-1-1

- 06 de julho 2017 -

## **CONCLUSÃO**

Diante dessa imersão no mundo feminino surdo nos aproximamos da verdadeira dimensão que é o abismo que existe entre o universo ouvinte e seus privilégios e a realidade de quem não tem sua diferença incluída na sociedade.

A mulher surda é comparada à mulher deficiente. Muitas vezes a sociedade continua com a educação colonialista sobre a mulher surda sem noção de sua diferença. No momento em que as mulheres surdas são chamadas de deficientes, elas estão sendo comparadas às mulheres ouvintes. Essa é uma representação que assume aspectos de discriminação cultural pelo completo desconhecimento do valor linguístico que a língua de sinais possui e também pelo completo desconhecimento da significação do ser mulher surda, ou seja, ser uma pessoa que entende o mundo pelos olhos e necessita de informação em sua língua visual.

Há em nossa história um costume naturalizado de manter a margem social tudo que é fora deste padrão convencionalizado e resumido a comunicação oral. Tais atitudes fortalecem uma sociedade preconceituosa e que se mantém legítima através de um aval estatal concreto, porém discreto a olho nu, ou seja, sob um olhar popular leigo diante de um vocabulário jurídico tão complexo.

Como usuárias de uma língua diferente do português, usuárias de língua visual, a mulher surda encontra dificuldades de acessibilidade em um mundo praticamente só acessível aos ouvintes. A acessibilidade é dificultada por serem poucas as informações visuais e isso carece à mulher surda. Os relatos de experiências tristes se acumulam. A falta de tradução é imensa em seu rol. A falta de tradução para a língua de sinais acontece em diversos espaços, como na saúde, na educação, no trabalho, no espaço de segurança, enfim, na sua trajetória de vida.



**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL**  
**UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE**  
**PRÓ-REITORIA DE EXTENSÃO**

---

ANAIS de Evento I Jornada Científica e Tecnológica de Língua Brasileira de Sinais: Produzindo conhecimento e integrando saberes. ISBN 978-85-923216-1-1

- 06 de julho 2017 -

Assim sendo, os relatos colhidos de algumas delas são dramáticos: “eu não tenho intérprete quando estou em situações cotidianas”, “eu tenho que ir junto com minha mãe na consulta e ela sabe sobre minha doença, eu não sei nunca porque ela resume tudo que ouve”, “o meu filho estuda na integração e, como mãe, não tenho intérprete nas reuniões, me sinto como peixe fora da água”, “no aeroporto preciso solicitar acompanhamento, não há legenda”, “no avião a tecnologia é moderna, mas os filmes não têm legenda”, “o marido me batia no casamento anterior porque eu não o entendia”, “como ligar para a delegacia da mulher, lá não tem intérprete, comunicação por vídeo, nada para nós que usamos libras”.

Na educação, o espaço da inclusão, como afirmou Capovilla, está em clima de abandono da escola pelos estudantes surdos, visto que vive-se em um mundo que vê educação inclusiva como educação igual para todos. A mulher surda esteve e está correndo o risco de ser cada vez mais afetada pela não alfabetização e consequentemente estão engrossando os cursos de EJA que atendem pessoas que se escolarizam mais tarde.

Permanece, portanto, a triste incidência do quadro da mulher surda que não recebeu educação. Como vimos nas declarações anteriores, essas mulheres são tidas como incapazes de decidir sobre si mesmas.

A visão de incapacidade, atribuída à mulher surda pela sociedade, prevalece inconsequente e está mais viva que nunca. Elas são tidas como incapazes de cuidar de seus filhos, dirigir as próprias vidas, decidir seus destinos, objetivos e caminhos. Os espaços da saúde são de maior conflito, uma vez que são marcados por cenas de mulheres surdas que foram levadas a esterilização não consentida, que devem ser acompanhadas pela família durante exames ginecológicos, que são implantadas sem consentimento, sem esclarecimento. Enfim, diversas situações de abusos em diferentes



**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL**  
**UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE**  
**PRÓ-REITORIA DE EXTENSÃO**

---

ANAIS de Evento I Jornada Científica e Tecnológica de Língua Brasileira de Sinais: Produzindo conhecimento e integrando saberes. ISBN 978-85-923216-1-1

- 06 de julho 2017 -

âmbitos da sociedade contra estas mulheres.

Convém aqui lembrarmos que mais da metade da população surda mundial são mulheres, segundo dados da Federação Mundial de Surdos (WFD). A WFD possui um grupo de trabalho sobre mulheres surdas, cuja pauta de discussões baseia-se na análise do papel das surdas nos movimentos surdos, além de denunciar a situação de vulnerabilidade em que muitas dessas mulheres se encontram. A referida comissão pretende ainda criar redes de solidariedade mundiais entre mulheres surdas de todo o planeta.

No Brasil, porém, a combinação dessas duas categorias de análise (gênero e surdez) é um assunto novo. Não há muitos estudos que unam a questão do gênero com a surdez. Tal questão está começando a ser discutida entre os surdos no Brasil, que tinham (e ainda têm) outros assuntos em sua pauta de reivindicações, como a divulgação da Libras – Língua Brasileira de Sinais, o acesso à informação (exigência de filmes brasileiros e de programas de TV com legendas ou com janelas de interpretação na língua de sinais), à educação, à saúde pública e ao mercado de trabalho.

Este artigo traz para o foco a questão da mulher surda e as dificuldades encontradas por elas em seu cotidiano enquanto vítimas de gênero. Porém, ao acordar esse episódio, outros tantos, como os citados acima despertaram automaticamente em nossas mentes, o que enaltece a importância pioneira dessas informações serem divulgadas como fontes de produção futura, necessária e igualmente importante. O que se conclui, portanto é que há inúmeros problemas socioestruturais de natureza surda que, assim como o da mulher especificado acima são minimizados perante a supremacia ouvinte.

O fato deste desequilíbrio entre os campos abordados; ouvintes e mulheres com



**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL**  
**UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE**  
**PRÓ-REITORIA DE EXTENSÃO**

ANAIS de Evento I Jornada Científica e Tecnológica de Língua Brasileira de Sinais: Produzindo conhecimento e integrando saberes. ISBN 978-85-923216-1-1

- 06 de julho 2017 -

algum grau de surdez, não ser atual é algo a se destacar. Em suma, esta situação é estrutural e é mantida como um dos pilares sociais díspares que conduzem à um comportamento de superioridade ouvinte em relação a pessoas surdas, se o comparativo for acessibilidade, em geral.

Perante as circunstâncias analisadas sabe-se que o simples fato de não haver uma disciplina obrigatória de língua de sinais nas escolas já pressupõe o limite que há na comunicação e relação entre pessoas de campos distintos, distanciando-os ainda mais. Agora, mais do que nunca, sabe-se a gravidade que essa diferenciação intermediada pelo governo representa e é isso que queremos alarmar.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

BOURDIEU, P. O Campo Científico. In: Ortiz, Renato (org.). Coleção Grandes Cientistas Sociais, n 39, Editora Ática, São Paulo, 1983.

BORDIEU, Pierre. Razões práticas sobre a teoria da ação. 9. ed. Papirus Editora. Campinas, SP, 1996.

GUEDES DE MELLO, A. Especificidades da Violência contra pessoas com deficiência auditiva. Disponível em:

<<http://violenciaedeficiencia.sedpcd.sp.gov.br/pdf/textosApoio/Texto6.pdf>>

Acesso em 25/05/ 2017.

MELLO, X. Qual é o seu sinal? Disponível em:



**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL**  
**UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE**  
**PRÓ-REITORIA DE EXTENSÃO**

---

ANAIS de Evento I Jornada Científica e Tecnológica de Língua Brasileira de Sinais: Produzindo conhecimento e integrando saberes. ISBN 978-85-923216-1-1

- 06 de julho 2017 -

<<http://blogueirasfeministas.com/2013/03/qual-e-o-seu-sinal/>>

Acesso em: 25/05/ 2017.

PERLIN, G. Mulher Surda: elementos ao empoderamento na política afirmativa.

Disponível em:

<<http://www.porsinal.pt/index.php?ps=artigos&idt=artc&cat=27&idart=453>>.

Acesso em 25/05/ 2017.

SANTOS, P. E. Mulheres surdas e gênero. Editora Arara Azul. Revista 09-5.

Disponível em : <<http://editora-arara-azul.com.br/site/edicao/49>>.

Acesso em 25/05/ 2017.